

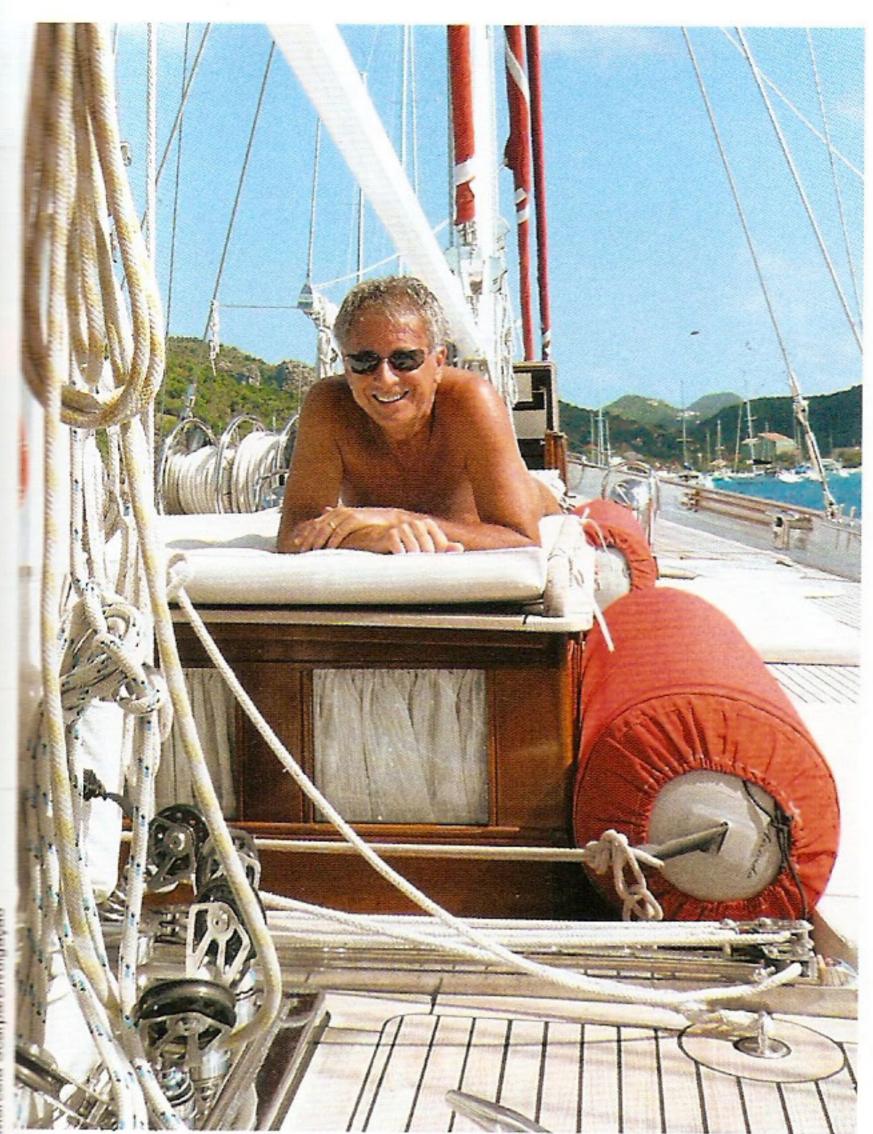
Um dos maiores mitos náuticos do Brasil estava a ponto de virar sucata, quando, há quatro anos, começou a ser restaurado. Agora, está pronto. Aos 85 anos de mar

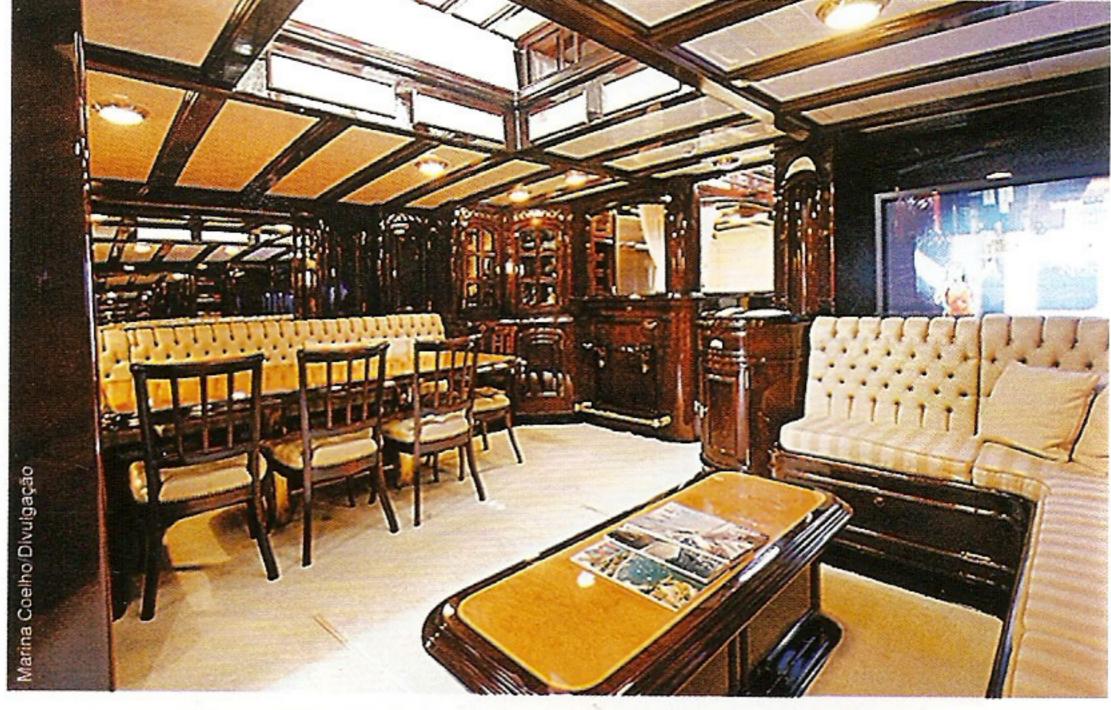
ONTEM
E HOJE
O Atrevida
nos anos
50 e após a
reforma que
lhe devolveu
o antigo
esplendor:
legítimo
exemplar
da dinastia
Herreshoff

Muita água passou, literalmente, desde que o veleiro Atrevida, que então se chamava Wildfire, molhou seu casco de aço pela primeira vez, ainda nos Estados Unidos, em 1923. Projetado e construído por Nathanael Herreshoff, um gênio da arquitetura naval americana, criador, entre outros, de cinco defensores da America's Cup, entre 1893 e 1914, este veleiro, hoje brasileiro, de 105 pés, é um daqueles barcos que já nascem clássicos e navegam a vida toda na imaginação de quem, de fato, ama o mar. Com cinco velas, num total de 1 500 metros quadrados de velame (mais do que meia quadras de tênis juntas!), nasceu como um barco para regatas. E confirmou sua vocação com uma série de vitórias, inclusive na então prestigiada e longa Transpacífica, que ia de São Francisco ao Havaí, na primeira metade do século passado. E assim ia, de vento em popa, o Wildfire, quando foi

requisitado pela Guarda Costeira dos Estados Unidos para participar das missões de patrulhamento na Segunda Guerra Mundial — dizem até que, em certas ocasiões, como barco espião. Terminada a guerra, foi comprado pelo industrial carioca Jorge Bhering de Oliveira Mattos e transferiu-se definitivamente para águas brasileiras. E foi aqui, já com seu novo nome, que viveu uma fase ainda mais áurea.

Durante muito tempo — e, de certa forma, até hoje —, o *Atrevida* ostentou o título de "yacht" mais bonito, falado e cobiçado do Brasil. Boa parte disso não apenas por suas linhas elegantes, mas pelo que gravitava em torno delas. Do final dos anos 40 até meados da década de 80, este barco se converteu num verdadeiro cartão-postal flutuante do Rio de Janeiro. "Ele e a Cidade Maravilhosa se complementaram, na mais perfeita







ANFITRIÃO
Gilberto
Miranda, atual
proprietário,
recheou o interior
do Atrevida de
confortos dignos
das estrelas que
já estiveram a
bordo, como o
ator Telly Savallas
(ao lado)

e elegante harmonia", defende o jornalista Nirlando Beirão, autor do livro Atrevida 1923 | 2008, publicado sob encomenda de Gilberto Miranda pela Dórea Brooks and Art com uma edição à altura do esplendor do próprio barco. Foi a época das grandes recepções a bordo, comandadas primeiro pelo jovem Drake, filho único de Jorge de Mattos, e, depois, pelo industrial paulista Dirceu de Castro Fontoura, dono dos então famosos Laboratórios Fontoura, que comprou o veleiro em 1949 e o transformou ainda mais em símbolo da agitada vida social carioca. Nesse tempo, o Atrevida recebeu pelo menos dois reis de verdade, o da Noruega e o da Suécia, estrelas internacionais como Alain Delon e Rita Hayworth, misses como Martha Rocha e políticos como o ex-presidente Jânio Quadros e o ex-secretário de Estado americano Henry Kissinger. Uma frota de notáveis que faria Hollywood se contorcer de inveja. E ele não passava de um barco. Mas um lindo barco.

Amante da boa vida, Dirceu Fontoura fez questão de manter o Atrevida no late Clube do Rio de Janeiro, mesmo morando em São Paulo. Voava para lá nos fins de semana e dividia-se entre a boate Sacha's e o veleiro, sempre recrutando "tripulantes" tanto para as regatas que eventualmente disputava (fez duas Santos-Rio e uma Buenos Aires-Rio, por exemplo) quanto para as festas que promovia a bordo. A animação só diminuiu com a morte dele, em 1985, quando então o barco passou para as mãos de Auro de Moura Andrade, genro de Fontoura, que por sua vez trocou as águas do late Clube do Rio pelo seu congênere em Santos. Dali, o Atrevida praticamente só passou a abrir velas para esporádicos e cada vez mais raros cruzeiros até Angra dos Reis. E, assim, o mito começou a definhar e quase virou sucata. Até que, quatro anos atrás, foi arrematado pelo empresário e ex-senador Gilberto Miranda. "De repente, fechei negócio", explicou, na ocasião. "Estava mais motivado pelo

desafio de reviver aquele barco lendário do que propriamente ter um veleiro. Até porque nunca fui fanático pelo mar, mas sempre admirei a sua beleza." A ampla reforma que se seguiu — e que só terminou recentemente, embora o barco ainda esteja regulando os novos mastros, em Ilhabela, seu novo portobase — foi feita no estaleiro MCP, de Santos. "Os engenheiros foram atrás dos desenhos originais de Herreshoff, em Rhode Island, nos Estados Unidos, perseguindo a proposta de refazer o Atrevida à imagem e semelhança do original", conta Nirlando em seu lindo livro sobre o barco. Fiel ao original, sim, ele ficou, mas enriquecido de itens de conforto, como ar-condicionado, dessalinizador, bow thruster, computador, monitoramento eletrônico e até sistema automático de controle das velas. Já o interior é decorado com estilo da época, ou seja, cristaleiras, sofás capitonês, vidros bisotados e cortinas de renda.

O único problema foi que o casario saliente e original exigia mogno, madeira hoje de corte praticamente proibido no Brasil. A solução foi garimpar lojas de demolição, em busca de partes de antigos casarões. Deu certo. Novo de novo, o *Atrevida* recebeu mogno também na escada do portaló e nos gurupés, que antes tinham sido desfigurados por partes de aço.

E foi assim, com pompa e circunstância, que o Atrevida voltou às águas brasileiras e, logo de cara, rumou para o Caribe, onde arrancou explícitos olhares de inveja. Na volta ao Brasil, Miranda decidiu encomendar o livro em que conta a história do barco. E, na última página, revela o verdadeiro motivo. "O que quero mesmo é exibir esta maravilha pelo mundo afora". Está conseguindo.

## O LIVRO

Capa do
Atrevida
1923 | 2008,
do jornalista
Nirlando
Beirão: edição
à altura do
barco

